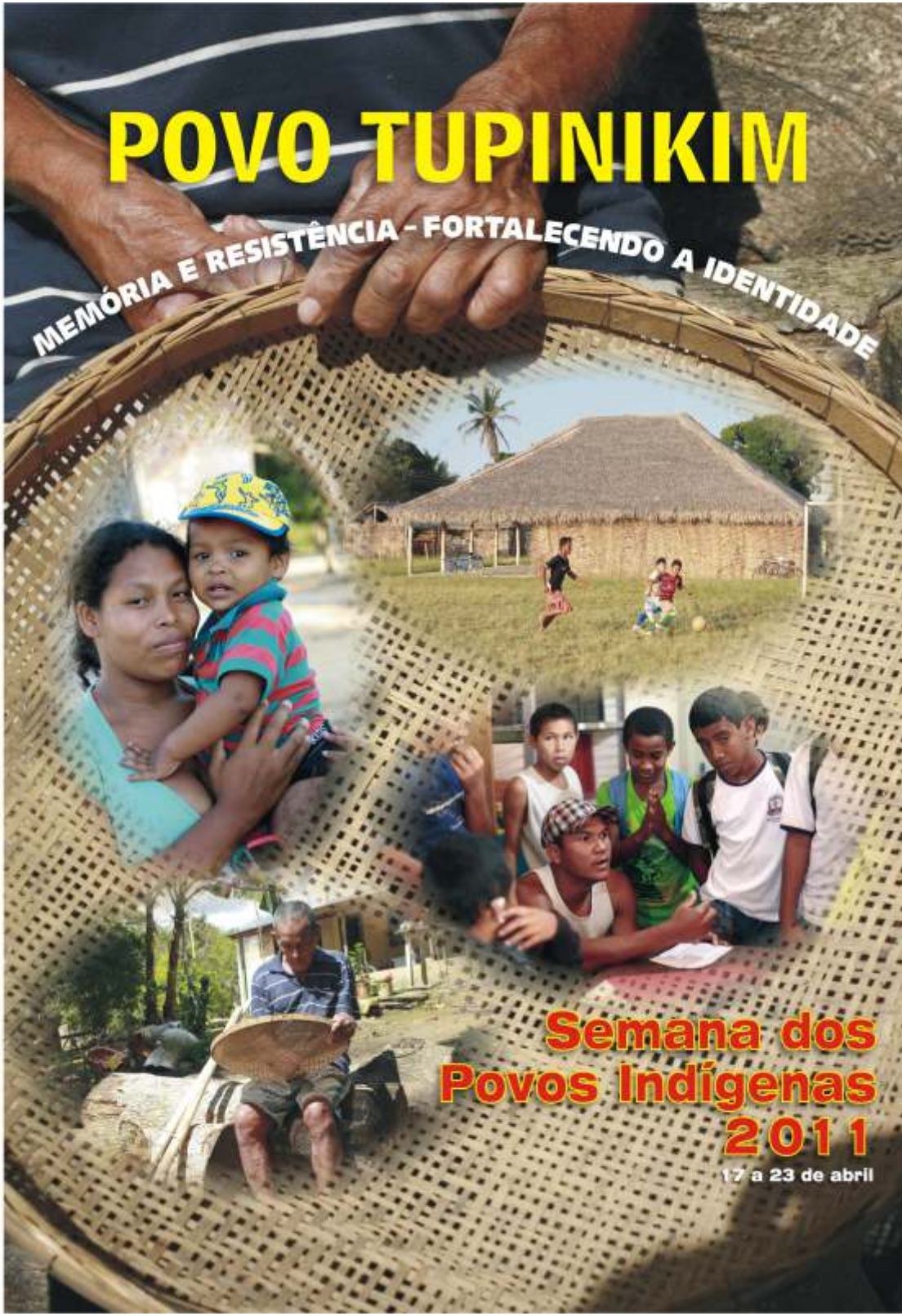


POVO TUPINIKIM

MEMÓRIA E RESISTÊNCIA - FORTALECENDO A IDENTIDADE



**Semana dos
Povos Indígenas
2011**

17 a 23 de abril

Amigo e Amigo

O caderno da Semana dos Povos Indígenas de 2011 tematiza a vida, a história, a cultura, a resistência e os desafios do Povo Tupinikim do Espírito Santo.

A frase “Memória e Resistência – Fortalecendo a identidade” expressa bem o sentimento deste povo. No passado ele vivia numa grande área de terras com florestas e litoral. Viviam em aldeias com abundante alimento e todo o necessário para viver. Este território, gradativamente foi sendo ocupado por famílias não indígenas e empresas. Os Tupinikim foram expulsos de sua terra e muitos deles tiveram que viver fora das poucas aldeias que restaram. Foi a memória e a certeza de sua identidade como povo indígena que os fortaleceu e animou a lutarem por seu direito de viver em liberdade, em seu território tradicional.

Hoje estão reconstruindo as aldeias, valorizando a convivência, fortalecendo sua cultura e se empenhando para encontrar soluções para os desafios que enfrentam. Sua vida e história apontam para uma força muito grande que nasce de sua cultura milenar, dos seus valores, de sua identidade e convivência em comunidade.

O caderno nos convida para a reflexão. Nos convida para ouvir e olhar sua história e identidade, que representam fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional. Também nos motiva a conhecer um pouco mais da realidade brasileira caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão animar as reflexões. A terceira parte traz orientações pedagógicas de como trabalhar de forma didática e contextualizada com o caderno e o cartaz. Os textos na íntegra, os desenhos elaborados pelos Tupinikim, bem como informações complementares, podem ser encontradas no site www.comin.org.br.

POVO TUPINIKIM

Memória e Resistência - Fortalecendo a Identidade

Responsabilidade: ISAEC/DAI – COMIN

Organização: Cledes Markus

Autoria dos textos e desenhos: Adan, Adriano, Alex-Sander, Bárbara, Daiane, Edvana, Eduardo, Estevão, Elizandra, George, Isaías, Jaqueline, Luana, Micaela, Maiara, Maynã, Rodlayne, Sávio, Shara, Tiago, Thainara, Thaila, Wandre Cláudio, Sabrina Rodrigues, Bruno, Jaqueline, Udilene, Brenna, Maynã, Geslaine, Lorraine, Dalila, Sabrina, Cristiano, Elielton, Shara, Valdir, Jocelino, Elisângela, Leidiane, Elisete, Weder, Frank, Erika, Ediana, Ariane, Camila Sebastião, Shara Pego, Mayra, Geslaine, Camila das Neves, Marlon.

Aldeias: Caieiras Velha, Comboios, Pau Brasil e Irajá.

Pesquisa: Arlete M. Pinheiro Schubert, Alzenira Felipe Marques, Emil Schubert, Andréia, Andréia Coutinho, Andrea C. Almeida, Jocelino da S. Qiezza, Marínuzi S. Pego, Leidiane Pego, Luzia Florêncio Rodrigues, Marli da Penha V. G. dos Santos, Flávia (Tesaporanga)

Elaboração pedagógica: Ires Lausmann Klein, Marcia Blasi, Monika Maier.

Colaboração na elaboração: Sônia Luísa Trapp Mees, Maria Dirlane Witt, Edson Ponick, Valdemar Schultz, Lori Altmann, Cledes Markus, Erny Mügge, Maria Cristina Rieth, Alzenira Felipe Marques, Arlete M. Pinheiro Schubert, Emil Schubert, Marli da Penha V. G. dos Santos.

Diagramação: Allegra Comunicação

Impressão: Evangraf

Capa e cartaz: Joice Elisa de Oliveira

Fotografias: Rogério Medeiros, Apoena Medeiros, Arlete Maria Pinheiro Schubert e Lígia Sâncio.

Realização: COMIN, em parceria com Departamento de Educação Cristã da IECLB.

Apoio: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB), Kirchen Helfen Kirchen e VELKD da Alemanha, Kerkinactie da Holanda.

Tiragem: 40 mil exemplares.

ISBN 978-85-7843-155-6

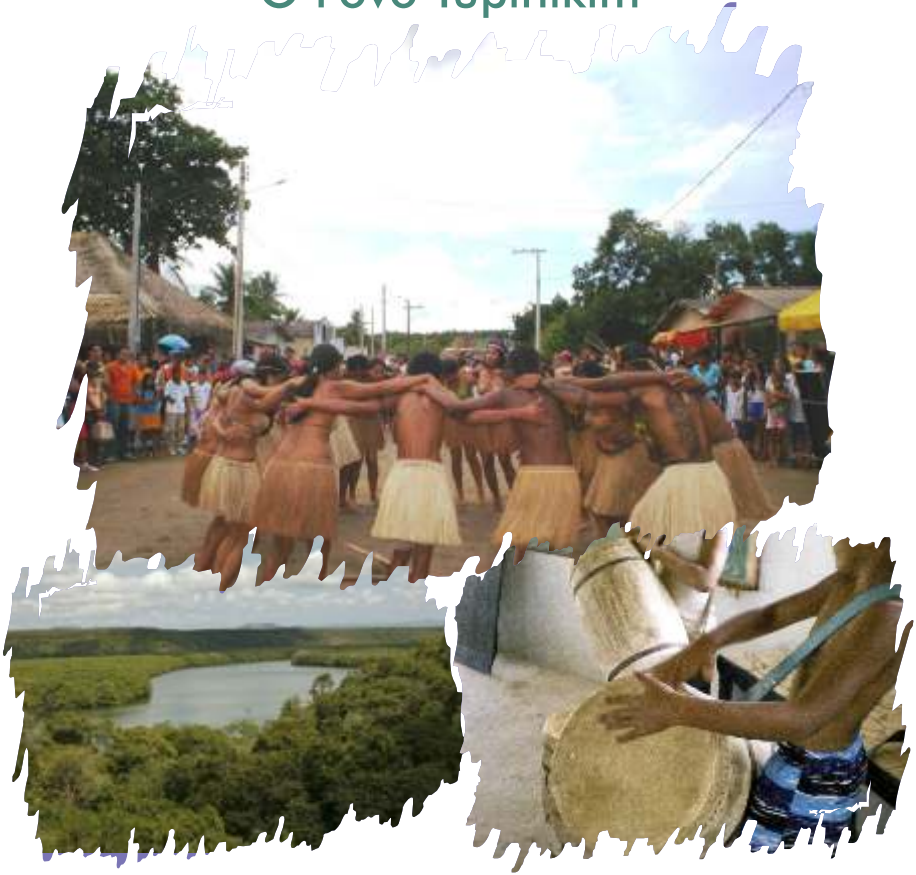
Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 - B. Scharlau - Cx. P. 1081 - 93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / contato@oikoseditora.com.br / www.oikoseditora.com.br



2011

O Povo Tupinikim



MEU NOME

Meu nome é Tupinikim.
Eu sou forte, eu sou valente.
Que habitante no mundo
Há como eu?
Minha terra é bonita.
Meu povo é grande,
Deus me honrou,
Eu sou índio bom e forte.

XE RERA TUPINAKYÎA
XE RATÄ XE ABÀ-E-TÉ
ABÁ-PE° ARA PORÄ
O IKÓBÉ IXÉ ABÉ
XE RETAMA IPORANG,
XE ANAMA TURUSU
TUPÄ XE MOETÉ
XE ABÄ ATÄNGATU

Um só povo e diferentes nomes

O povo Tupinikim é conhecido por diferentes nomes: Topinaquis, Tupinanquins, Tupiniquins. Estes nomes têm o significado de “Tupi do lado ou vizinho que mora aí do lado”.

O lugar onde vive

Atualmente o povo Tupinikim vive no Estado do Espírito Santo, no Município de Aracruz. Mora em quatro aldeias: Caieiras Velha, Comboios, Irajá e Pau Brasil. Veja no mapa.



A história do Povo Tupinikim: *memória e resistência*

O povo Tupinikim teve um papel único na história do Brasil: foi o primeiro povo com o qual os navegantes portugueses tiveram contato quando aqui chegaram.



Naquele tempo o povo Tupinikim habitava uma grande área de terras na região dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Sul da Bahia. Eram áreas cobertas de mata onde viviam conforme a sua cultura. Aos poucos as pessoas não indígenas foram ocupando as terras com suas casas e suas empresas.

Grande parte da mata nativa foi derrubada. No seu lugar introduziram a monocultura de eucalipto para a produção de carvão vegetal e celulose.

O povo Tupinikim perdeu grande parte de sua terra e boa parte foi viver em outros lugares. A sua vida então mudou muito. Foi um tempo de destruição. Tempo de não poder viver a sua cultura.

Faltaram a caça, a pesca e as frutas. Acabaram os materiais para fazer o artesanato e as plantas para os remédios.



Monocultura é o cultivo de um só tipo de plantação em grandes extensões de terra. As consequências desta forma de plantio podem ser: a erosão do solo, a poluição das águas e da terra pelos agrotóxicos, a morte de animais, o desemprego, a mudança na circulação dos ventos e na distribuição de chuvas.

A força da Comunidade

As lideranças e a comunidade Tupinikim, junto com outras pessoas amigas, lutaram para que fosse possível reunir o povo e voltar a morar na terra. De volta à terra, o povo reuniu forças e começou a reconstrução das aldeias e a revitalização de sua cultura.



Revitalizar significa dar novo vigor, dar nova vida.



Hoje, estão plantando novamente espécies nativas, recuperando nascentes e repovoando a mata com animais. Buscam também novas formas de subsistência para a comunidade.

Hoje estão reaprendendo muitas coisas com as lideranças e as pessoas mais velhas e sábias. Aprendem a contar a história, a falar e a escrever a língua tupi e a valorizar a sua cultura. Aprendem como viviam na terra, como eram os hábitos, as crenças, a alimentação e as festas.



A cultura na escola

A escola nas aldeias tem papel importante. Ela assume a responsabilidade de fortalecer a cultura, através dos ensinamentos das pessoas mais velhas.

Dona Helena é uma liderança muito sábia que ensina e conta histórias. Ela reúne estudantes e professores para fazer caminhadas por trilhas, pedras, morros e matas.

Durante o trajeto, estudantes ouvem histórias do passado e sonham com um futuro para os Tupinikim. Num dos passeios conheceram como se faz a tanga com os fios da planta chamada taboa.

Dona Helena explicou alguns cuidados que se deve ter com a coleta. Não pode cortar a planta muito perto da raiz. Assim, a planta pode continuar crescendo. As taboas são torcidas e batidas, desfiadas e levadas para secar ao sol. A taboa é cortada, do tamanho certo para a tanga de cada pessoa. Ela é trançada com barbante.

Dona Helena explicou que a tanga de taboa é uma vestimenta importante. Ela é usada na dança dos guerreiros e na dança do congo.



Estudantes da 7ª série contam:

...Dona Helena relatou passagens de sua infância, disse que antigamente a comunidade utilizava as taboas para fazer esteiras e assim tirar o seu sustento...

A taboa é utilizada atualmente para a confecção de tangas e esteiras. Na comunidade há pessoas que confeccionam a tanga somente para usá-la como vestimenta na consagrada Festa do Índio.

Taboa é uma planta, um tipo de capim alto, que cresce nos banhados.

As danças



As danças são importantes momentos das festas do povo Tupinikim – elas unem as aldeias.

Dentre as danças, temos a dança do curumin, dos guerreiros e das mulheres. Mas o congo é uma das principais. É dançado nas festas ou para receber visitas nas aldeias. Dona Helena, da Aldeia Caieiras Velha, e Seu Dorvigílio, da Aldeia de Pau Brasil, são lideranças com a função de “mestre do congo”, ou seja, eles é que dirigem o grupo na dança.

Nesta dança são usados instrumentos como o tambor e a casaca.

O tambor é feito de uma madeira chamada siriba e revestido de couro. Ele marca o passo da dança.

A casaca é um instrumento de madeira, no qual se faz uma escultura de rosto. É semelhante ao reco-reco. Dá ritmo e sonoridade às danças do congo.



Em memória: Pajé e Capitão Alexandre Sezenando - Tupinikim

As festas e as danças alegram a vida do povo Tupinikim.
No quadro abaixo, há o nome de cinco (5) importantes elementos que
fazem parte das festas dos Tupinikim.

**Descubra quais são esses elementos,
pintando todas as letras X, W e Y.**

X	W	D	A	N	Ç	A	X	Y	W	X	Y	X
W	Y	X	W	C	O	L	A	R	Y	W	Y	W
Y	W	Y	C	O	C	A	R	W	X	Y	X	Y
X	W	Y	X	Y	W	T	A	N	G	A	W	X
Y	X	M	Ú	S	I	C	A	X	W	Y	W	X



O rio e o manguezal

Nos rios e no mar são encontrados peixes e mariscos para a comida do povo.

Um dos rios mais importantes do Povo Tupinikim é o Piraquê-Açu, que significa peixe grande. Nele, são encontradas diversas espécies de peixes. Muitas espécies já não existem mais porque a poluição, a pesca predatória e a não observação da lua certa para a pesca prejudicaram o rio. Hoje, o povo trabalha para recuperar a vida deste rio.

O manguezal da Reserva Ecológica de Aricanga também é muito importante para o povo Tupinikim. Nele são encontrados as ostras, os mexilhões, os sururus, as ameixas, que também fazem parte da alimentação do povo.

Das cascas das ostras se produz a cal. Elas são queimadas na fogueira de lenha. Depois são colocadas inteiras num lugar aberto e limpo e encharcadas com água. Em pouco tempo, a água se evapora e as ostras são transformadas em cal. Antigamente este cal servia para pintar as casas nas aldeias. Daí a origem do nome de uma das aldeias Tupinikim: Caieiras Velha.



O manguezal é uma lama escura e mole. É formado do encontro da água doce do rio e da água salgada do mar.

Modos de pescar



O Povo Tupinikim tem uma diversidade de técnicas para pescar. Para cada espécie de peixe ou marisco existe um tipo diferente de instrumento. Os mais comuns são: o puçá, o quitandu e o chiqueiro.

O **PUÇÁ** é usado para coletar siri. Ele tem forma de um grande coador de café e é feito com trançado de linha grossa.

Quando a maré está esvaziando, usa-se o **QUITANDU**, que é feito de palha jussara. Com ele se pega as espécies moreia, caramurum, camarão e siri.

O **CHIQUEIRO** é um cercado feito de palha de naiá e de jussara. É amarrado com cipó e colocado dentro do mangue. Quando a maré sobe, os peixes entram. Na maré baixa, os peixes são tirados.



Alimentação

A alimentação dos Tupinikim sempre teve sua base na caça, na pesca, na coleta de frutos e no cultivo de alguns vegetais, principalmente da mandioca. É uma alimentação sem excesso de gordura e sal.

Veja o que relatam os alunos Bruno, Jaqueline e Brena, a partir de pesquisa feita com as pessoas mais velhas: **“Os cardápios do café eram batata-doce, aipim e fruta-pão. No almoço era peixe com farinha, pirão de caranguejo. No jantar, o peixe com farinha. Os alimentos eram conservados com sal marinho e duravam uma semana. Também cultivavam alguns alimentos como café, feijão, milho, batata, aipim, mandioca, abóbora, entre outros. Os instrumentos usados na agricultura eram a enxada, o enxadão, a foice, o machado e o facão.”**

Veja um exemplo de comida gostosa e fácil de fazer, retirada de um livro de receitas típicas dos Tupinikim, organizado pelas alunas Érika, Ediana e Ariana.



Paçoca de banana

Ingredientes:

banana, sal e açúcar

Modo de preparar:

Cozinhar a banana e depois socá-la, colocando sal e açúcar.

Socar mais um pouquinho e depois está pronta para comer.

A diversidade de alimentos

A alimentação do povo Tupinikim é muito rica e diversificada. No quadro abaixo, encontre o nome de alguns destes alimentos na língua Tupi.

	PIRÁ	PEIXE	
	ARATU	ESPÉCIE DE CARANGUEJO	
	TUKUNARÉ	ESPÉCIE DE PEIXE	
	ABATI	MILHO	
	GUAÏA	ESPÉCIE DE CARANGUEJO	
	PAKOBÃ	BANANA	
	RERI	OSTRA	
	KOMANDA'Í	FEIJÃO	
	U'I	FARINHA	
	TAMANDU'A	TAMANDUÁ	
	PIABA	ESPÉCIE DE PEIXE	
	GUAÏNHUMU	ESPÉCIE DE CARANGUEJO	
	MANDI'OKA	MANDIOCA	

F	G	R	E	R	I	S	S	V	E	X	A	A
O	J	D	M	S	A	E	P	I	A	B	A	B
V	G	U	A	Î	N	H	U	M	U	R	D	A
T	B	A	N	P	E	R	G	S	E	I	Z	T
U	K	L	D	S	F	S	L	H	K	G	K	I
K	O	H	I	A	I	'A	A	S	S	U	D	Î
U	C	X	'O	P	H	H	D	A	R	A	T	U
N	S	J	K	E	A	D	P	R	T	Î	D	O
A	P	T	A	M	A	N	D	U	'A	A	H	S
R	V	N	D	S	L	H	E	U	Y	P	U'	I
É	R	P	A	K	O	B	Ã	F	J	V	E	O
G	P	P	K	E	M	E	L	A	P	I	R	Á
M	K	O	M	A	N	D	A	Î	V	Q	K	P

Mandioca *um alimento importante*

Os Tupinikim contam que a mandioca sempre foi e continua sendo um dos principais alimentos. **Dela se produz a farinha, que pode ser torrada e comida com café, pode ser feita com peixe na brasa ou também como beiju.**

Da mandioca, também prepara-se a coaba, uma bebida fermentada usada nas festas.

O plantio da mandioca acontece nos meses de março e abril, sempre três dias antes ou depois da lua minguante. É necessário cortar um pedaço do caule, chamado mandiba, com aproximadamente 20 cm, colocar de forma vertical numa cova, cobrindo-o com terra.

A colheita da raiz é feita a partir de um ano após o plantio.

Preparo da farinha da mandioca

O texto produzido por estudantes do 6º ao 9º ano do projeto “Cozinhando também se aprende”, em 2009 (Projeto de Revitalização da língua Tupi), relata como se prepara a farinha de mandioca. Importante observar que esta é uma atividade muito antiga em que toda a comunidade participa. Veja na página seguinte.



MANDIOCA

“Na aldeia há pessoas que fazem a farinha,
É um hábito tão antigo que não sai da nossa linha.
Em grupos vão à roça,
Arrancar a mandioca.
Na roça é amontoada e separada.
De lá é levada de trator
Ao Kitungo, e fica à espera do consumidor.
O processo vou relatar:
Com a faca vou raspar
E com amigos a conversar.
Com atenção ligo o motor
e a mandioca tritura como se fosse no liquidificador.
Depois de branquinha ela fica prensadinha.
Fica tão clarinha e fininha
Que dá até para comer com galinha.
Se beiju quero fazer,
A goma vai ter que ter.
Leite condensado, coco, açúcar, o que preferir,
Se quiser pode até substituir.
Mas atenção: só dá certo se fizer com coração.”



Plantas que curam

O Povo Tupinikim tem uma grande sabedoria sobre plantas que nutrem, curam e previnem doenças. Estes saberes estão sendo recuperados pelas pessoas mais jovens.

Os educadores Tupinikim da aldeia de Comboios realizaram uma pesquisa sobre a planta nativa chamada aroeira.

“Ela é importante para a comunidade por que, sendo nativa, é uma fonte de renda que não consome gastos comunitários. Sabemos que ela é utilizada em substituição à pimenta do reino, como aperitivo, no fabrico de algumas colas e também na composição para combater doenças na córnea.

A aroeira serve de alimentação para muitos animais da aldeia como pássaros e abelhas. Das sementes e da casca do tronco podem ser feitos remédios que ajudam a curar contusões e machucados”.

A altura da aroeira pode chegar de 5 a 10 metros. Os frutos são pequenos, redondos, vermelhos e em cachos. O tamanho da semente é de 0,2 cm, e cada fruto possui apenas uma semente. Podem ser colhidos até cinco quilos de sementes de uma árvore.



Vamos conhecer as sementes?

Vamos conhecer as sementes e fazer uma atividade artística. Assim como a aroeira, outras plantas fornecem sementes com lindas cores e variados tamanhos. Algumas servem para alimentação das pessoas ou dos animais, para a fabricação de remédios, e outras são usadas para confeccionar artesanato.



1) Colete sementes e pesquise a sua utilidade.



2) Organize grupos e desenvolva uma atividade artística: confeccionar um colar, montar uma colagem, elaborar um jogo, ou outra arte.



Descubra oito aspectos importantes da cultura Tupinikim no desenho



(Desenho de estudantes KA A RAPÉ – Caminho da mata
E.M.EFI Caieiras Velha)

TUPINIKIM: UM GRANDE POVO



Tupinikim: um grande povo

Seu Antonio está com 103 anos e tem muitas histórias para contar. Ele conta para seus netos e bisnetos como era a vida nas aldeias Tupinikim no seu tempo de infância. Conta das festas e das danças, de quando puxavam o congo durante a noite inteira na Festa de São Benedito. Era uma festa compartilhada com os negros no passado.

Dona Helena é puxadora do congo na Aldeia de Caieiras Velha. **Ela diz que as danças ao som das casacas, dos chocalhos, dos tambores, ensinam e lembram que cultura é isso mesmo: tem vida, se transforma e atravessa o tempo.** Dona Helena sabe bem que o tempo não retorna. Muitas foram as lutas e também as conquistas. Um povo que resiste torna-se mais forte na luta e na organização.

Para manter-se como povo e ser reconhecido como etnia indígena, o povo Tupinikim sabe que precisa manter a memória dos ancestrais. Isso também é uma garantia jurídica sobre um pouco do chão que ainda lhes resta. **As marcas presentes na arte, nas danças, nos alimentos, trazem os laços que unem passado e presente.** Assim é também nos conhecimentos sobre ervas medicinais, na organização política, nas vestimentas festivas, nas técnicas de sustentabilidade, no plantio, na caça e na pesca.

Esses conhecimentos são preciosos e devolvem o orgulho de pertencer a um povo resistente no tempo e na história.



Hoje os traços culturais são diferentes daquele tempo, porque a cultura é definida pelo que o grupo faz, pensa e sente. Ela é dinâmica, perpetuamente reelaborada, resultado da organização de um grupo étnico, e não da característica primária do grupo.

Tupinikim, sua história e sua luta



O povo Tupinikim, tradicionalmente, ocupava um vasto território na região litorânea, onde hoje estão situados os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Sul da Bahia. Sua população foi estimada em mais de 55 mil habitantes no século XVI.

Com a chegada do povo europeu, no século XVI, o território indígena foi ocupado por fazendas, povoados e vilas.

Na primeira metade do século XX, o povo ainda vivia em 40 aldeias. Ocupava cerca de 40 mil hectares na região que circunda o hoje município de Aracruz, no Espírito Santo. Destas terras, 60% eram cobertas por matas e florestas nativas, permitindo ao povo viver de caça, pesca, coleta de mariscos e frutos, além da agricultura de subsistência.

A partir de 1940, grandes companhias passaram a explorar a terra dos Tupinikim, para produção de celulose e carvão vegetal.

Aí vieram tempos difíceis, levando o povo Tupinikim praticamente ao extermínio. Perderam suas terras. As aldeias foram destruídas. A vegetação nativa foi substituída por extensas plantações de eucaliptos.

Cerca de 50% da população indígena migrou para as periferias das cidades vizinhas. A outra metade procurou refúgio nas aldeias sobreviventes. Parte dos homens foi trabalhar temporariamente no plantio de eucalipto, mas a maioria foi buscar o sustento das famílias nos manguezais.

Assim, o espaço das aldeias foi reduzido. O volume de água dos rios diminuiu, e alguns riachos desapareceram. As mudanças trouxeram conflitos sociais e problemas de saúde. A busca de emprego na cidade criou novos valores e crises de identidade, principalmente para os mais jovens.

As mulheres perceberam que a cada dia havia mais falta de alimentos. Sua preocupação levou o povo a se organizar e a lutar pela terra.

Este processo de luta começou na década de sessenta e foi muito lento, com protestos e violências. Muitos indígenas foram feridos, mas o povo permaneceu unido, celebrando cada conquista, renovando a esperança e sonhando com o futuro.

Em 2007 foram assinadas as portarias de delimitação das terras. Djagwareté, um dos caciques Tupinikim, resumiu assim o sentimento do povo:

“Há três anos atrás nos reunimos aqui mesmo, nessa aldeia Pau Brasil para festejar o final dos trabalhos da autodemarcação de nossas terras. (...) Hoje de novo estamos aqui, na aldeia Pau Brasil, (...) agora para comemorar a confirmação pelo governo brasileiro de que a terra pela qual lutamos, durante mais de 30 anos, nos pertence de fato, e de direito.”

Hoje, Vilma Tupinikim afirma:

“São muitos os planos que temos para nossa terra, entre eles o reflorestamento e a recuperação das nascentes, mas fundamental é a reconstrução de algumas aldeias que existiram, antes da chegada da empresa”.

As mulheres estão organizadas e colaboram na busca de alternativas para a geração de renda. Estão engajadas em vários projetos na área da saúde, do artesanato e da educação.

Outro desafio do povo Tupinikim é garantir os alimentos básicos como feijão, banana, milho, mandioca, abóbora. Além disso, estão buscando relações econômicas justas com o mundo não indígena, estabelecendo redes solidárias e alternativas conjuntas.

Em 1967, chegou ao Espírito Santo um grupo de Guarani Mbyá vindo do sul do país em busca da “Terra sem males” (lugar com caça, peixes, mata, água). A beleza do lugar os encantou tanto que sentiram ter encontrado o lugar que motivou a longa caminhada. Os Tupinikim acolheram o grupo Guarani que se instalou na aldeia de Caieiras Velha.



Uma importante língua

No século XVIII, o Tupi se tornou uma língua comum. Era falada por todos os habitantes destas terras, inclusive portugueses e africanos. Era conhecido como *nhe'engatu*, que significa “língua boa”. Foi a que mais influenciou o português brasileiro.

Depois de algum tempo, os Tupinikim perderam a liberdade de falar sua língua. Com medo das ameaças, deixaram de ensiná-la às novas gerações.

A partir de 2004, a língua tupi é ensinada nas escolas de todas as aldeias. Através de um projeto com uma universidade paulista, professores indígenas bilíngues de tupi e português começaram a ensinar nas aldeias. Junto às comunidades indígenas, produziram materiais, contando a história do seu povo. Agora, em todas as escolas das aldeias indígenas Tupinikim vê-se que a língua tupi vai revitalizando a cultura.

Também fora das aldeias este processo é muito importante. Muitos indígenas vivem nas cidades. **Usar a língua materna do seu povo significa fortalecer sua identidade étnica.**

A educação Tupinikim

As crianças indígenas aprendem desde cedo as línguas tupi e português nas escolas das aldeias. Estudam nas suas aldeias até o nono ano, num projeto de educação indígena diferenciada. Os conteúdos curriculares são organizados conforme os seus interesses e suas necessidades, valorizando e reafirmando sua cultura no contexto da cultura brasileira.

Ainda há muita dificuldade com o ensino médio e superior, que deve ser buscado fora das aldeias. As comunidades Tupinikim preocupam-se com a formação superior de seus jovens e buscam alternativas para que essa formação vá ao encontro de suas necessidades socioeconômicas.



Mitos: expressão da religiosidade

Os mitos expressam o jeito de compreender o mundo. Neste mito Tupinikim está presente a ideia de que a etnia se perpetua na memória cultural dos ancestrais.

O enorme gavião

“Na aldeia de Comboios existia um gavião muito grande, com um bico descomunal e garras extremamente afiadas. Esse demônio aterrorizava a comunidade. As crianças eram o principal alvo de sua maldade.

Certo dia, o chefe da tribo reuniu a sua comunidade para achar um meio de destruir o gavião.

No meio da reunião, um jovem guerreiro se propôs a procurá-lo sozinho, com arco e flecha, no meio das matas, mas não encontrou o bicho.

A comunidade continuava em mágoas, porque as crianças estavam desaparecendo.

O cacique e suas lideranças fizeram uma arapuca com flecha pontuda. O gavião veio e a desarmou, a flecha pegou em sua asa, mas ele foi embora.

Um dia, um casal de velhos sábios da aldeia estava à beira de uma pequena fogueira e teve a ideia de colocar na cabeça das crianças bandas de cuias, para que quando o gavião chegasse, só encontrasse a cabaça.

Fizeram o teste. O gavião veio, pousou e pegou só a cabaça, mas foi contente, pensando que levava uma criança. Quando chegou em seu esconderijo, ficou decepcionado e morreu de fome.

A comunidade fez festa com muita dança e bebida e até hoje continuam as tradições.”

Educadores Tupinikim
e Guarani e Mugaribí, Edivanda (Org.).
Os Tupinikim e Guarani Contam...
MEC/FNDE e SEDU – ES
2. ed. Vitória, 2005



Herança Tupi

A língua portuguesa herdou palavras do tupi, que são usadas até hoje.

A palavra peteca tem este nome devido ao verbo petek, que significa, em tupi, golpear ou bater com a mão espalmada. Peteca se joga com a palma da mão e é um brinquedo feito com um pequeno saco cheio de areia sobre o qual se prendem penas de aves.

As palavras mingau, capim e mirim também são de origem tupi permanecendo iguais, com o mesmo significado.

O verbo cutucar, em português, origina-se do tupi kutuk, cujo significado original — furar, espetar — modificou-se ligeiramente. Em português, cutucar é tocar com a mão ou com o pé.



Estar jururu é estar melancólico, tristonho, cabisbaixo. O termo indígena aruru, de onde surgiu a palavra, tem o mesmo sentido.

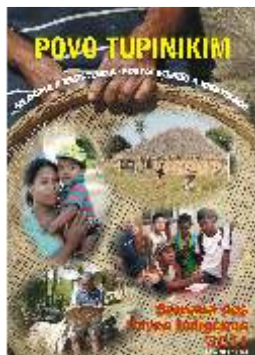
A perereca recebe esse nome simplesmente porque ela pula. Vem do verbo pererek, pular, que é também a origem do Saci-Pererê que, por não ter uma perna, anda aos pulos.

(www.fflch.usp.br/dlcvtupi/artigo_1.htm, acesso em 19 set. 2010)

Para saber mais:

Cunha, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. Prefácio de Antônio Houaiss, São Paulo: Melhoramentos, 1978.





COMO TRABALHAR COM O CADERNO E O CARTAZ?

Trabalhar de forma didática e contextualizada com o material da Semana dos Povos Indígenas é um aspecto importante. Por isso, as orientações pedagógicas que seguem são relevantes no preparo das aulas.

O caderno pode ser lido e estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver de um povo indígena. Vários exercícios buscam despertá-los para identificar elementos que são importantes para o povo Tupinikim.

Ao trabalhar o caderno em grupo, a tarefa da pessoa que orienta será a de animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a história de vida do seu próprio povo ou da sua própria comunidade.

Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

- a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças.
- b) Planejar o encontro. O material traz as informações, mas não a descrição de como o encontro será organizado. É necessário pensar como será a abertura, a motivação para iniciar a discussão sobre o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento ou a continuidade num próximo encontro.
- c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.
- d) Adaptar as atividades e o próprio texto. O caderno apresenta um povo indígena do Espírito Santo, com suas especificidades culturais. Neste sentido é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças com os povos indígenas que vivem na sua região.
- e) Buscar informações adicionais ou procurar contato com pessoas ou instituições envolvidas na luta dos povos indígenas. Incentivar a pesquisa científica. Através da internet é possível encontrar informações sobre diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Há várias pesquisas já realizadas sobre os Tupinikim, que podem auxiliar no estudo.
- f) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena que vive em sua região ou trazer um grupo de indígenas para uma conversa com crianças e jovens.

Além do caderno também há o cartaz como importante recurso pedagógico. A pessoa que orienta pode sugerir que cada qual faça a sua leitura e interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura Tupinikim, que mostram características diferenciadas ou relacionadas com nossa forma de viver.

Com o cartaz podem ser programadas outras atividades, como: utilizá-lo para introduzir o assunto; convidar crianças e jovens para representarem as cenas que são mostradas no caderno; utilizá-lo para divulgação de aspectos da cultura e da história de vida do povo Tupinikim; montar um quebra-cabeça ou outro jogo; fazer uma releitura mediante desenho, construção de maquete, montagem em papel.

O caderno e o cartaz são dois subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre a vida de povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, é um bom material e uma boa oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Tupinikim.

PARA SABER MAIS

PESQUISA NA INTERNET:

Caderno para a sala de aula, textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia: www.comin.org.br

O **CIMI** disponibiliza informações atualizadas e posicionamento frente à política indigenista do governo. www.cimi.org.br

O **ISA** disponibiliza informações atualizadas e indicação de literatura sobre os povos indígenas. www.socioambiental.org.br

LIVROS

ALTMANN, Lori. Diversidade religiosa na perspectiva indígena.

In: KRONBAUER, Selenir C. G.; STRÖHER, Marga J.

Educar para a convivência na Diversidade. Desafio à formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2009.

COUTINHO, José Maria. **Uma história do Povo de Aracruz.**

Aracruz/ES, REITEM, 2006.

FERREIRA, Bruno. Diálogos Interculturais:

Identidades indígenas na escola não indígena.

Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.

TREIN, A. Hans (org.). **Uma ponte entre mundos.**

São Leopoldo: OIKOS, 2010.

JEKUPÊ, Olívio. **O saci verdadeiro.** Londrina: EDUEL, 2002.

EDUCADORES TUPINIKIM E GUARANI E MUGRABI, Edivanda.

Os Tupinikim e Guarani contam... Vitória: MEC/FNDE; SEDU - ES, 2005.

EDUCADORES TUPINIKIM E GUARANI E MUGRABI, Edivanda.

Os Tupinikim e Guarani na luta pela terra. Brasília: MEC/SEF, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos Indígenas Brasileiros.**

São Paulo: Global, 2005.

TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia.

História dos Índios no Espírito Santo. Vitória: Ed. do Autor, 2009.

Confira também livros de outros autores indígenas.

VÍDEOS



Corumbiara,
de Vincent Carelli,
Brasil, 2009.

Cruzando o deserto verde,
Ricardo Sá, FASE-ES
Terra de Índio, Ligia Sancio,
FASE- ES



Vídeo nas
Aldeias com
cineastas
indígenas.

www.videonasaldeias.org.br

RESPOSTAS

Elementos das festas Tupinikim da página 10



Elementos importantes da cultura Tupinikim página 18

Passarinho no ninho, pintura na perna
da menina, peixe, cacho
de bananas, espiga de milho, pés de
mandioca, ondas do rio, sementes.

Alimentos na língua Tupi da página 14

F	G	R	E	R	I	S	S	V	E	X	A	A
O	J	D	M	S	A	E	P	I	A	B	A	B
V	G	U	A	Î	N	H	U	M	U	R	D	A
T	B	A	N	P	E	R	G	S	E	I	Z	T
U	K	L	D	S	F	S	L	H	K	G	K	I
K	O	H	I	A	I	'A	A	S	S	U	D	Î
U	C	X	'O	P	H	H	D	A	R	A	T	U
N	S	J	K	E	A	D	P	R	T	Î	D	O
A	P	T	A	M	A	N	D	U	'A	A	H	S
R	V	N	D	S	L	H	E	U	Y	P	U'	I
É	R	P	A	K	O	B	Â	F	J	V	E	O
G	P	P	K	E	M	E	L	A	P	I	R	Â
M	K	O	M	A	N	D	A	Î	V	Q	K	P

ISAEC - DAI - COMIN
Caixa Postal 14 - Cep: 93001-970
São Leopoldo/RS Fone/Fax: (51) 3590.1440
cominsecretaria@est.edu.br www.comin.org.br



COMIN

isaec

OKOS
EDITORA

ISBN 978-85-7843-155-6



9 788578 431556